



A valsa da revendedoria: uma etnografia dos modos de sustento e a reprodução social da vida no bairro Vida Nova em Campinas-SP

Bolsista: Bruna Lousado de Paula ([lattes](#)), UNICAMP
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nashieli Cecília Rangel Loera ([lattes](#)), UNICAMP

Palavras-chave: Revendedoria; Etnografia; Modos de sustento.

RESUMO

O projeto se insere em uma série de debates dentro da antropologia dedicados à reflexão e produção etnográfica de trabalhos que tratam da reprodução social no capitalismo contemporâneo. Um desdobramento recente desta reflexão pode ser encontrada na proposta analítica, dos antropólogos Fernandez Alvarez e Perelman (2021) sobre “las formas de ganarse la vida” (ganhar a vida). Meu objeto de pesquisa se centra na atividade de venda direta das revendedoras de cosméticos, semi-jóias, tupperware e outros produtos que circulam constantemente entre as casas e pequenos comércios do bairro Conjunto Habitacional Vida Nova em Campinas. O foco está na forma com que essa atividade, num contexto de precarização do trabalho e manejo social da crise, se conjuga na economia doméstica de mulheres (principalmente), não só como meio de complementação de renda, mas também como forma de estabelecimento de vínculos e valores dificilmente quantificáveis e mensuráveis mas, que se tornam centrais para o sustento material e para a reprodução social da vida das revendedoras e do bairro.

OBJETIVO GERAL

Meu objetivo principal é de etnografar a atividade de venda direta das revendedoras de cosméticos, semi-jóias, tupperware e outros produtos que circulam constantemente entre as casas e pequenos comércios do bairro Vida Nova em Campinas, e indagar acerca da reprodução social e sustento da vida de uma ampla rede de mulheres do bairro.

RESULTADOS

A venda dos produtos de cosméticos *por relação*, também imbricam a relação afetiva dos sentidos, dado que os cosméticos possuem uma relação estreita com os cuidados. Como trazido tanto pelas revendedoras que têm sua loja quanto as que trabalham apenas com a revista, a demanda das clientes por produtos à pronta entrega as levaram à necessidade de constituir um pequeno estoque para suprir a necessidade delas. “Os clientes, eles gostam de sentir o cheiro, tocar no produto”, me contou Elaine sobre o porque que começou a lojinha. A venda presencial e com produtos em mãos envolve uma rede de *vinculações* que levam à venda. Elaine, por exemplo, contou como a venda muitas vezes precisa de sua ajuda não só como vendedora, mas como pessoa sensível e mulher que também utiliza os produtos das marcas. Como ela disse, um presente sempre envolve mais do que apenas o produto. Envolve

você saber escolher o cheiro que tem a ver com a pessoa que será presenteada; e no caso de Josi, com quem comprei um presente para minha mãe de dia das mães, até as cores da composição. Ela presta muita atenção nisso e faz questão de que as cores combinem com os produtos da cesta e com as cores preferidas da(o) presenteada. Ao escolher a cesta de presente para minha mãe, ela me fez uma série de perguntas sobre ela que a foram inspirando em alguns ajustes para que o presente tivesse de fato *um ar* de unicidade, como que feito especialmente para ela. Neste sentido, é interessante voltar a Marcel Mauss em seu clássico *Ensaio sobre a dádiva* (1925) em que fala do sistema de prestações totais, em que se imbricam *dar, receber e retribuir*. Segundo o autor, tudo no mundo social se emaranha e circula ao mesmo tempo; o que é possível de observar na troca de afetos que acompanham a venda e que são os aspectos centrais que são capitalizados pelas empresas de cosméticos por meio da venda por relações e ocultados sob o *lucro por peça*¹ (por produto vendido). Além do mais, é esse sistema total que torna capaz de construir a fidelidade da clientela. Isto porque, as vendas diretas acabam por se confundir pessoalmente com a revendedora, cuja compra dos produtos muitas vezes acaba sendo uma retribuição a estes mesmos afetos cultivados. Isto se dá pois deve-se escolher pessoalmente a pessoa a quem deseja direcionar este lucro.

Além dos afetos que se movimentam junto às vendas, podemos pensar a fé e os sonhos que atravessam tudo isso. A maioria das mulheres com quem conversei são cristãs e a força de Deus também se expressa para elas por meio das possibilidades que os produtos oferecem. Deste modo, *Deus também entra nas trocas*. Quando Elaine diz que conversar com os produtos ajuda com a vendas, ela não está conversando apenas com um produto, ela conversa também com Deus e pede que ele ajude com a venda dele. E daí se estabelece uma relação causal em que a venda não significa mais só venda, mas também provas diárias das ações de Deus em sua vida a dizendo para continuar e mostrando que acredita nela. O mesmo busca fazer com amigas e conhecidas do bairro com quem contribui. Quando ela terceiriza a produção de laços e cestas para amigas - o que também faz parte da rotina das demais vendedoras, como menciono ao longo do texto -, vende seus produtos em sua loja ou compra de outras mulheres empreendedoras do bairro, a troca não está sendo feita apenas entre indivíduos, mas entre *pessoas morais* ou *coletividades*, segundo Mauss (1925, p.190). Pois, a troca nesse sentido, equivale a alimentar sonhos e possibilidades que ao atingir a colega com quem ela se identifica, também valoriza o seu lugar/papel como “mulher pequena empreendedora que está correndo atrás do seu”. Assim, quando o catálogo *roda*, circulam também relações de amizade, confiança e afeto.

O lugar da casa como espaço físico deve ser pensado em sua relevância a partir dos conceitos de “campo de experiência” e “marco de referência” cunhado por Koselleck (Koselleck, *apud* L’Estoile 2020). O primeiro se refere ao “conjunto de possibilidades e restrições que definem em um momento dado ‘as condições de vida’, tanto materiais quanto simbólicas” (*idem*, p.53); enquanto que o segundo diz respeito ao acúmulo de experiências que, dentro de um espaço social específico, permitem às pessoas a se orientarem ou julgar sua ação, a partir do compartilhamento coletivo dentro de uma mesma vivência/realidade em

¹ Marx trata desta forma salário no livro I, capítulo 19º d' *O Capital* (1867), em que o salário por peça é descrito por ele como a forma mais sofisticada de exploração: “Uma vez que qualidade e intensidade do trabalho são aqui controladas pela própria forma do salário, esta toma grande parte da vigilância do trabalho supérflua. Ela forma por isso tanto a base do trabalho domiciliário moderno, anteriormente descrito, como de um sistema hierarquicamente articulado da exploração e opressão.”. A edição que eu utilizei é a disponibilizada online em edição dirigida por José Barata-Moura e Francisco Melo, postada em 2011, direitos de tradução e transcrição reservados por Edições Progresso-Editorial "Avante!", Moscovo-Lisboa, 1990.

certa medida. Da relação entre os dois, surgem os “horizontes de expectativa” que constituem ferramentas cognitivas para compreensão do nosso agir no mundo, espraiando ou limitando nossa leitura sobre nossa capacidade de agir sobre ele, tanto no presente como no futuro. Em seu texto, L’Estoile (2020) relaciona estes conceitos à noção de *incerteza* como característica estrutural, uma vez que ela demonstra o nível de seguridade com que as pessoas podem pensar o seu futuro, o que se distribui de forma desigual dependendo de onde você vem (geograficamente, em relação ao gênero, sexualidade, classe, raça, etc.). Desta forma, ter *um lugar próprio* - ter um imóvel e não pagar aluguel -, é um elemento capaz de espraiar os horizontes de expectativa dos sujeitos, sendo um ponto de partida (ou ponto de chegada), para realização do sonho de emancipação, liberdade e *empreendedorismo* (o que está tudo junto e misturado). No caso das donas de loja com quem conversei, ter uma casa própria foi o que as permitiu sonhar com o negócio próprio. Como Elaine nos conta, a esperança de conquistar a casa própria para poder criar seus filhos e não depender de marido nenhum, foi o que a fez aguentar tantos anos de trabalho *para os outros*.

Em relação ao debate sobre flexibilização e o trabalho de reprodução socialmente relegado às mulheres, este espaço se torna especialmente relevante. No caso das mulheres com quem conversei, foi a garagem que as possibilitou olhar para fora da casa (*lar*) e sonhar futuros para si mesmas. Tendo por muito tempo tido que focar principalmente no casamento e criação dos filhos, as perspectivas de futuro se tornam mais imediatas e permitem sonhar menos futuros profissionais para si mesmas; Diferentemente dos maridos, que sempre trabalharam e têm alguma profissão específica. A garagem, neste sentido, acaba por representar um limiar, a fronteira entre a vida profissional (historicamente ligada ao externo, “sair [de casa] para buscar o seu”) e a doméstica. Como disse Elaine, no início, olhava de dentro de casa, sentada no sofá com seu filho ainda criança, a mesinha na garagem que dava com a rua - que era sua loja e sua única prateleira -; ali vezes seu futuro se perdia em sonhos, vezes acabava em fracasso. Já a Val, ao dizer a seu marido que *arranjasse outro lugar para guardar o carro, pois agora ela iria abrir seu próprio negócio*, estava reivindicando o espaço também para realização de sua independência, tirada pelos compromissos com a reprodução do lar. O carro aqui entra também como bom símbolo para a mobilidade masculina possibilitada pelo desprendimento do lar e o assalariamento. Para que isso não ficasse sempre assim, trouxeram elas o trabalho para o lar, aumentando suas possibilidades desde a garagem.

A possibilidade de formular “projetos” para si e estratégias para chegar lá depende tanto do campo de oportunidades quanto da *capacidade de percepção dos sujeitos* (L’Estoile, 2020, p.58). Neste sentido, o ambiente que estabelece o marco de referência para elas é, principalmente, o mercado de trabalho formal. Dentre seus horizontes de perspectiva, a realização que ele poderia oferecer foi constantemente frustrada. Além do fato de este tirar o tempo de socialização com a família. Neste contexto e, acredito eu, no mesmo compartilhado também por outras milhares de brasileiras, é o discurso de empreendedorismo que conseguiu apreender de forma subversiva os valores que realmente estavam em jogo em relação ao trabalho formal: a independência. “A venda direta não é uma opção. É uma escolha! É uma atividade atrativa para quem busca independência e autonomia!” É a frase da presidente executiva da ABEVD, Adriana Colloca, que abre o site da empresa. Em um cenário em que a estabilidade por meio do mercado formal, a competitividade por vagas e a desvalorização do salário constituem marcos referenciais negativos, *ser seu próprio chefe* (“dueño propio”, *idem*, p.59) como destaca L’Estoile, representa a capacidade política, para além de estritamente econômica, de tomar decisões autônomas, que se relacionam a uma tomada de dignidade e escolha sobre o modo como se quer viver, em oposição às imposições do

mercado. O que se relaciona também, segundo o autor, com a capacidade de “governar seu tempo”. Álvarez e Perelman (2020), chamam atenção para como as atividades que permitem ganhar dinheiro não podem ser entendidas apenas através “do trabalho” (Pires, *apud* Álvarez e Perelman (2020)); ao tratarmos o trabalho como parte de relações sociais mais complexas, é possível pensá-lo a partir dos interesses dos diferentes agentes da sociedade e as sensibilidades jurídicas que o possibilitam (*Idem*, p.15). Sendo a perda da credibilidade do trabalho CLT, parte também do projeto político neoliberal que vem minando as responsabilidades do Estado ligadas a um imaginário de classe trabalhadora. Em que pode se relacionar as moralidades e sentidos que guiam a formulação das políticas públicas às vontades e aspirações de uma classe social específica, *a elite*.

A economia, portanto, implica valor monetário ao mesmo tempo os fenômenos internos que a constituem estão constantemente *produzindo valor* a partir de relações concretas. A autonomia como valor, neste caso, não diz respeito somente ao dinheiro. Mas faz parte da *valorização dos próprios modos de ingresso do dinheiro* (Álvarez e Perelman, 2020, p.15), o que se relaciona com a autonomia política de decidir sobre a forma com que se trabalha. Por isto, a possibilidade de empreender e ser sua própria chefe, não necessariamente significa para todas o abandono das responsabilidades de reprodução do lar. Mas isso não deve significar apenas algo ruim, no sentido da imposição estrutural sobre os sujeitos. O esforço de conciliação entre os campos “econômico (profissional)” e “doméstico”, faz parte de uma questão mais ampla que também diz respeito ao espaço decadente e generificada ao qual foram relegadas as atividades de reprodução em nossa sociedade e por isso penso que este esforço pode significar também a valorização da vida sobre o mercado. O valor do salário não paga muitas vezes o valor do tempo afetivo que as pessoas necessitam para viver uma vida digna. Mas, é claro, esta discussão não deve parar na aceitação de novas formas de trabalho precárias, mas para além, em formas de pensar um mundo em que a reprodução social da vida não seja pautada de cima para baixo através dos planos de planificação capitalista, mas através da produção de *comuns* que não tornem o trabalho reprodutivo uma sina, mas parte *produtiva* da vida em sociedade. Neste sentido, os antropólogos Susana Narotzky e Nico Besnier (2020) trazem a reprodução social como um campo experimental em que as possibilidades objetivas e subjetivas das pessoas criam sentido para além do que está dado, constitui a matéria que possibilita *projetar su vida en el futuro* (NAROTZKY y BESNIER, p.26). Este horizonte é delimitado pelos nossos espaços de experiência que constituem o marco referencial das transformações que se pode esperar (L’ESTOILE, 2020, p.53). Falar em projetar a vida no futuro significa também compreender que não se trata de qualquer vida, mas de viver “uma vida que vale a pena ser vivida” (*idem*).

As políticas de desenvolvimento social vindas de cima (Estado principalmente), frequentemente ignoram as relações das formas com que constituem valor situado entre as diferentes realidades. Esse processo se deve sobretudo sob a *estrutura de obediência* (Cavallero y Gago, 2019, p.33) imposta pelo mercado com a financeirização da vida, através de políticas voltadas à estabilização do mercado financeiro como principal medidor do desenvolvimento voltados à planificação global, cujo pressuposto é a capacidade de *controlar o tempo e o futuro de forma racional* (L’Estoile, 2020, p.54). Neste cenário, o trabalhador se torna acionista indireto do mercado financeiro, cuja estabilidade se lhe é imposta como condição para condições mínimas de acesso à bens, inclusive de consumo básico. O que isso relegou para os países do terceiro mundo foi uma dívida impagável que recai sobretudo sobre os trabalhadores. É este o regime de obediência ao qual se referem as autoras Cavallero e Gago em seu livro *Una lectura feminista de la deuda: Vivas, libres y desendeudadas nos*

queremos (2019), em que buscam tornar visível os lastros da dívida na vida das pessoas; o que não pode deixar de tratar da forma como seus efeitos sobrecaem de forma desigual sobre os diferentes sujeitos da sociedade, sobretudo as mulheres, as pessoas racializadas, as trans, travestis, dado a forma diferenciada com que são exploradas pelo capitalismo. O caráter feminizado dessas economias postas em ritmo pela flexibilidade pode ser pensado em seu lado quantitativo quando pensamos o papel das mulheres no cuidado e manutenção da reprodução social, como chefes de família e na conjunção de diversas tarefas para o sustento da casa e da família; e qualitativo quanto ao teor próprio de reprodução, pouco produtivo ao capitalismo (*idem*, p.25).

Desta forma, a proposta de realizar uma etnografia dos modos de sustento e reprodução da vida, como proposto por Álvarez e Perelman (2020, p.09), faz parte de um esforço político de dar inteligibilidade à vitalidade da (re)produção da vida cotidiana cotidianamente reconstruída pelos agentes e que é força inalienável que se obscurece sob um discurso economicista. A esse respeito, a análise trazida pelo economista húngaro Karl Polanyi em seu livro clássico *A grande transformação* (1944) é central para pensar a inseparabilidade da vida social e a vida econômica. O processo de anos de desenvolvimento de uma economia de mercado “estável”, com protagonismo do setor financeiro aliado a perspectivas neoliberais de auto regulação do mercado, argumenta ele, foi o principal elemento ideológico responsável pela distinção entre as esferas “econômica” e “doméstica” da vida. Por isso, a retomada do termo *oikonomia* como tratado por Aristóteles como “governo da casa”, como recuperado também no texto de L’Estoile (2020, p.52), torna-se uma ferramenta política ideológica também de luta pela reconciliação dessas “esferas” em torno da possibilidade de sonhar e construir possibilidades produtivas *para a vida* e não para o capital.

REFERÊNCIAS

- ÁLVAREZ, María Inés F., PERELMAN, Mariano. Perspectivas antropológicas sobre las formas de (*ganarse la*) vida. **Cuadernos de Antropología Social** /51 (2020), p.49-69. UBA, Buenos Aires, 2020.
- CAVALLERO, Luci e GAGO, Veronica. **Una lectura feminista de la deuda**. Vivas, libres y desendeudadas nos queremos. 2019.
- FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodutivo e luta feminista**. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.
- L'ESTOILE, Benoît de. “El dinero es bueno, pero un amigo es mejor”: Incertidumbre, orientación al futuro y “la Economía”. **Cuadernos de Antropología Social** /51 (2020), p.49-69. UBA, Buenos Aires, 2020.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva [1925]. Em: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- NAROTZKY, S., & BESNIER, N. Crisis, valor y esperanza: repensar la economía. **Cuadernos de Antropología Social** (51), 2020.
- POLANYI, Karl. **A grande transformação: as origens da nossa época**. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 1980.